

ANA CRISTINA CARMELINO

anacriscarmelino@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

LEITURA, ANÁLISE E PRODUÇÃO DE ESQUETE: CONTRIBUIÇÕES PARA O LETRAMENTO CRÍTICO

RESUMO

Sabe-se que, na contemporaneidade, a educação linguística deve trabalhar com multiletramentos, partindo das culturas de referência dos alunos (ou seja, de linguagens, mídias e gêneros por eles conhecidos), para buscar um enfoque ético e crítico de textos/discursos que ampliem seu repertório cultural. Sabe-se também que, na atual conjuntura, a interação social é intermediada pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e que, portanto, cabe às práticas escolares abordarem especificidades da linguagem midiática: elementos, padrões estéticos, temas e valores mobilizados. Diante desse cenário, busca-se, neste artigo, contribuir para o letramento crítico de alunos que cursam o Ensino Médio no Brasil, por meio da atividade de leitura, análise e produção de esquetes. Esse gênero midiático, embora não conste do paradigma de aprendizagem curricular, é constituído por uma variedade de linguagens, circula em diferentes mídias (teatro, rádio, cinema, televisão e Internet) e pode levar à reflexão crítica de temas caros à sociedade. Trata-se de uma prática social que fornece subsídios para se trabalhar os multiletramentos em enfoque multicultural; desafios postos pela escola. O referencial teórico adotado para sustentar esta proposta advém das teorias de letramento e multiletramentos, com base especialmente nos pressupostos discutidos por Rojo (2009, 2012, 2013) e Rojo e Barbosa (2015).

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem midiática; letramento crítico; Ensino Médio; esquete

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A leitura midiática faz parte de quase todos os contextos da vida cotidiana. Como um lugar de formação integral do sujeito, a escola não pode se esquivar do trabalho com as especificidades da linguagem da mídia em

todos os níveis de ensino, isto é, seja considerando os elementos que a constituem e seus padrões estéticos, seja discutindo temas e o universo de valores que ela mobiliza.

Partindo dessas considerações, o objetivo deste artigo é contribuir para o letramento crítico, especialmente de alunos que cursam o Ensino Médio¹ no Brasil, por meio da atividade de leitura, análise e produção de esquetes, com base na perspectiva da Linguística Aplicada, a partir dos conceitos de letramento e multiletramentos discutidos por Rojo (2009, 2012, 2013) e Rojo e Barbosa (2015).

Inseridos em multissistemas, os esquetes – cenas de curta duração, geralmente de caráter cômico, produzidas para teatro, rádio, cinema, televisão e Internet – mesclam em sua constituição diferentes linguagens. A título de exemplo, a linguagem verbal oral ou escrita, as imagens estáticas e em movimento, sejam elas reais, filmadas ou digitalizadas. Tais dados não colocam desafios aos leitores/ouvintes, tendo em vista o fato de que eles têm facilidade (e se divertem) ao assistirem a tais encenações (no teatro, na TV ou quando navegam), mas desafiam as práticas escolares de leitura e produção.

Desse modo, pretende-se, aqui, além de propor alguns caminhos (subsídios) para o trabalho de análise dessa prática social midiática em sala de aula, evidenciar como esse gênero multimodal requer, no processo de leitura e produção, o trabalho com multiletramentos (capacidades e práticas de compreensão de várias linguagens para se fazer significar) e pode levar à reflexão crítica de temas caros à sociedade.

Para fins didáticos, o artigo está configurado em duas partes. Em princípio, busca-se não só revisar os conceitos de letramento, letramentos (no plural) e multiletramentos, fazendo uma breve trajetória do tema no Brasil, mas também caracterizar o gênero esquete. Num segundo momento, propõem-se algumas atividades com esses textos multimodais a serem desenvolvidas em sala de aula.

MULTILETRAMENTOS E ESQUETE: CONCEITOS-CHAVE

Dizer que qualquer pessoa, mesmo não alfabetizada, participa de processos de letramento não é novidade. A leitura incidental – que se faz de

¹ O Ensino Médio é o nome dado à etapa do sistema de ensino equivalente à última fase da educação básica no Brasil, que tem como finalidade o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental e a formação do cidadão para etapas posteriores da vida. Tal etapa foi regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação e sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em 20 de dezembro de 1996.

imagens, gestos, emoções – é um exemplo para o caso. O termo *letramento* (do inglês *literacy*, do latim *littera* e do português *literacia*) diz respeito ao processo de aprendizagem social da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários.

O letramento se diferencia do que se convencionou chamar de alfabetização: aprendizado que, dando-se ou não à margem da escola, compreende domínio sistemático (pela aquisição de códigos) das habilidades de ler e escrever. A alfabetização consiste, portanto, em um dos tipos de letramento (cf. Kleiman, 1995; Soares, 1998; Rojo, 2009).

Soares (1998), ao analisar o significado de letramento, destaca que a palavra reflete o “estado ou a condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever” (p. 17). Tal definição não apenas implica a ideia de que o envolvimento em práticas sociais de leitura e escrita traz consequências para o indivíduo ou o grupo, mas também abre o horizonte para compreender os contextos sociais e sua relação com as práticas escolares.

Abordagens mais recentes sobre o tema apontam para uma heterogeneidade de práticas sociais de leitura e escrita e do uso da língua/linguagem, reconhecendo, desse modo, vários letramentos (o termo passa, então, a ser usado no plural). Assim como existem os letramentos valorizados (dominantes) na sociedade, por exemplo, há os letramentos marginalizados (cf. Soares, 1998; Rojo, 2009).

Considerando-se ainda o contexto atual em que se vive, no qual a interação é intermediada pelas novas TIC, as quais, por sua vez, acarretam novos letramentos, o Grupo de Nova Londres (GNL)² propõe o uso do termo “multiletramentos” (cf. Rojo, 2012, 2013). Este, conforme destacam Rojo (2012, 2013) e Rojo e Barbosa (2015), engloba duas multiplicidades indicadas pelo prefixo multi-: *a multiplicidade cultural e a multiplicidade de linguagens/semioses e de mídias*.

A fim de contribuir com as práticas escolares – que devem visar aos *multiletramentos, abrangendo atividades de leitura crítica, análise e produção de textos multimodais ou multissemióticos³ contemporâneos em enfoque multicultural* –, propõe-se neste artigo o trabalho com o esquete, um gênero que apresenta em sua constituição diferentes linguagens e que aborda diversos

² O GNL compreende pesquisadores dos letramentos que – reunindo-se em Connecticut (Nova Londres, EUA), durante uma semana – publicaram um manifesto (*A pedagogy of Multiliteracies: designing social futures*, 2006/1996) destacando a necessidade de a escola incluir nos seus currículos não apenas os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, mas, também, a variedade e diversidade de culturas já presentes em sala de aula (citado em Rojo, 2012, p. 12).

³ Os textos multimodais ou multissemióticos são os que apresentam em sua constituição diferentes elementos, como cor, textura, movimento, tamanho da letra, signos icônicos.

temas, colocando em foco questões de ética (costumes locais e globais) e estética.

De acordo com Pavis, em seu *Dicionário de teatro*, o esquete (do inglês *sketch*) é definido como:

Uma cena curta que apresenta uma situação geralmente cômica, interpretada por um pequeno número de atores sem caracterização aprofundada ou de intriga aos saltos e insistindo nos momentos engraçados e subversivos. Nos esquetes, os atores interpretam uma personagem ou uma cena com base em um texto humorístico. Seu princípio motor é a sátira, às vezes literária (paródia de um texto conhecido ou de uma pessoa famosa), às vezes grotesca e burlesca da vida contemporânea. (Pavis, 1999, p. 143)

Essa rápida encenação, que dura cerca de 10 minutos e aborda fatos e costumes do cotidiano, pode ser: i) construída na forma de monólogo ou diálogo; ii) improvisada ou não; iii) agrupada na composição de um espetáculo inteiro ou inserida num *show* de variedades (cf. Teixeira, 2005; Guinsburg. Faria & Lima, 2006; Vasconcellos, 2009).

É importante assinalar também que o gênero circula em diferentes mídias. Comum no velho teatro de revista, no Brasil, os esquetes fizeram sucesso em programas humorísticos no rádio. Depois passaram a ser mais aproveitados no cinema e na televisão. Atualmente, além de se manterem em todos esses meios (teatro, rádio, cinema e televisão), observa-se que os esquetes também são desenvolvidos para a Internet. Trata-se, portanto, de um material rico para se trabalhar as diferentes mídias na escola.

Outro motivo relevante para o trabalho com o esquete em sala de aula é o fato de esse gênero não ser abordado nas práticas escolares, nem mesmo ser sugerido nos documentos oficiais que orientam o ensino no Brasil – caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais⁴ (cf. Secretaria de Educação Fundamental, 1998; Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2000, 2002), os quais instituem que as atividades de ensino devem contemplar a diversidade de textos e de gêneros.

⁴ Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) constituem documentos que buscam contribuir para a implementação das reformas educacionais definidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), regulamentadas por Diretrizes do Conselho Nacional de Educação.

LEITURA, ANÁLISE E PRODUÇÃO DE ESQUETES: SUGESTÕES DE ABORDAGEM

Considere os três esquetes que seguem, produzidos, respectivamente, para teatro, televisão e Internet.

(a)



Figura 1 - Betina Botox 2. Terça Insana (04/02/2009)
Fonte: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ucITDssL1qE>. Acesso em 10 dez. 2014

Criado e protagonizado pelo ator brasileiro Roberto Camargo, o esquete *Betina Botox 2* (9'10'') faz parte do espetáculo teatral *Terça Insana*, turnê de 2008. Sob a direção de Grace Gianoukas desde 2001, a *Terça Insana* – conhecida por se apresentar às terças-feiras em São Paulo, cidade economicamente mais importante do Brasil, e em turnês nacionais durante os finais de semana – tornou-se um dos mais longevos e influentes fenômenos do humor brasileiro.

Betina Botox, um *gay clubber*⁵, bem produzido (usa camisa da *Hello Kitty*⁶ bordada de paetê) faz questão de explicitar que está “cansada” de ser vista como uma “anomalia”. Nota-se que a figura cênica, cheia de atitude e questionamentos sobre a sociedade atual, está no palco para reivindicar o direito à diferença em termos de opção sexual, ou seja, o seu objetivo é pedir, de modo franco, que as pessoas tenham mais tolerância em relação à

⁵ O termo inglês *clubber* é comumente atribuído a pessoas que frequentam danceterias (os clubs), que foram comuns na década de 1990.

⁶ *Hello Kitty* é uma personagem japonesa criada pela empresa Sanrio, que foi patenteada em 1976, tornando-se uma marca mundialmente conhecida. Trata-se da figura de uma gatinha branca que usa um laço (comumente vermelho ou rosa) na orelha esquerda.

diversidade. Os excertos transcritos e retextualizados⁷ a seguir evidenciam tal consideração:

1. ... olá, eu sou Betina Botox tá? Queria dizer que, apesar de eu ser suuu-permoderna, praticamente emo, respeito é bom e, tipo assim, eu gosto tá? 1) que eu sou uma cidadã, 2) que eu pago taxas de impostos e 3) que eu não sou obrigada. Não, olha só, eu falo isso tá? Porque eu tô cansada de ser: 1) apontada, 2) discriminada e 3) alvo de chacota. Ahã? Não é que, olha só, outro dia eu tava saindo numa balada, aliás, só eu não, eu e uma amiga minha, a Paulinha Perigo, ahã! E a gente tava saindo dessa baladinha tá? Aí a gente parou na esquina pra esperar um táxi e um carro parou no sinal e o cara gritou: pederasta! Aí eu falei: coisa mais antiga! Vamos atualizar esse xingamento? Ou é moda agora xingamento retrô? A louca! É vintage? E bichinha por quê? Hã, por acaso eu fiz meu (*outing*), eu assumi a minha sexualidade neste entroncamento de duas vias públicas? (0'52" a 2'10")
2. ...ah, mas sabe o que que é? Desculpa reclamar também, gente, mas é que assim... eu vivo uma espécie de carma. Ahã? A minha existência é cármica por si só, porque basta as pessoas olharem pra mim, tá? Que elas já começam a falar esse tipo de coisa: vi-a-di-nho, vi-a-di-nho, bi-chi-nha!... Ai que saco! Se eu vejo um homem e uma mulher juntos, eu não fico falando hetero-zinho, hetero-zinho, né! Não... E pior é quando só olha e não fala nada (...) Gente eu não tenho mais paciência pra explicar a diversidade! Cada um é como é, né? (2'46" a 4'09")

(b)



Figura 2 - 220 Volts, Senhora dos absurdos – Negro (30/06/2012)

Fonte: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bhjY9RTK1oI>. Acesso em 10 jan. 2015.

⁷ Para melhor compreensão dos excertos dos esquetes citados, a transcrição (transposição do oral para o escrito, da realização sonora para a gráfica) foi retextualizada (no termos de Marcuschi, 2001), ou seja, passou por algumas alterações no plano da expressão, como por exemplo a exclusão de repetições, de truncamentos e a introdução de pontuação para marcar a entoação das falas.

O esquete (b) – criado e apresentado pelo humorista Paulo Gustavo e produzido para o programa humorístico de televisão brasileiro 220 Volts, o qual é exibido pelo canal a cabo Multishow – traz à cena a antológica personagem senhora dos absurdos. Uma mulher rica e politicamente incorreta. Embora jure que preconceito não existe, ela sempre manifesta repúdio contra os que considera minorias. Em Senhora dos Absurdos – Negro (1'12''), os alvos, como se pode observar no trecho abaixo, são o índio e o negro:

1. ... o índio? O índio serve pra nada... serve pra quê? Serve pra ficar o dia inteiro andando naquela selva pra cima e pra baixo coçando o saco... serve pra nada... pode sumir com aquilo...entendeu? O negro não, o negro já serve pra alguma coisa... pra quê? Pra fazer um samba, pra fazer um funk, pra outras coisas também, mas eu não vou poder falar aqui agora se não pega mal pra mim, né? quebra um pouco dessa regra, né?... orque eu não posso me misturar com o negro... misturar minha pele... uma vez eu quase me misturei né? ... me envolvi com um aí e quase me perdi... imagine se vou misturar minha pele que é branca, alva, perolada, né?... leite com negro, com a pele suja, preta, negra, deliciosa... eu quase me perdi num aí, um dia desses... (0'24'' a 1'10'')

(c)



Figura 3 - Minorias, Parafernália (15/02/2013)
 Fonte: Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=h4_ZezORD6s. Acesso em 10 jan. 2015.

Produzido pela Parafernália – um canal brasileiro de humor criado em 2011, que produz esquetes de conteúdo audiovisual voltado para a Web (YouTube) com qualidade de TV e liberdade editorial de Internet –, o esquete (c) traz como tema o preconceito contra algumas minorias. No caso

específico, ainda que sejam mencionados o gay, o negro, o judeu e o anão, o foco recai sobre os nordestinos (moradores da região Nordeste do Brasil).

Opostamente aos exemplos anteriores, o esquete em questão coloca em diálogo duas pessoas comuns na sala de uma empresa. Osiris (infere-se) chama Hugo para demiti-lo, alegando que se trata de uma ordem que vem de cima. Motivo: “a gente tá demitindo todas as minorias”. O interessante, no caso, é a explicação para a demissão: “as minorias” sempre se colocam como vítimas das situações, não poderiam desempenhar qualquer papel inferior, porque seriam alvo de preconceito. É o que mostra parte do texto do esquete:

1. - Fica à vontade, senta aí. Eu vou direto ao ponto: cê tá demitido!
 - Num tô não.
 - Tá sim!
 - (...)
 - Pelo amor da peixeira de Lampião. Já sei o que é que tá acontecendo aqui, é porque eu sou nordestino, né?
 - É.
 - Sério?
 - Ahã!
 - Eita preconceito filha da puta do (caboges) rapaz!
 - Seria preconceito se eu partisse do pressuposto de que você não é apto a realizar suas funções na empresa por ser nordestino...
 - Mas eu sou apto...
 - Eu sei!
 - Então?
 - Continua demitido...
 - Não consigo entender isso...
 - A gente está demitindo todas as minorias... é ordem de cima.
 - Gay? Negro?
 - Todas!
 - Judeu? Anão?
 - Todas!
 - (...)
 - Acompanha comigo... vamos supor que a gente te mantenha na empresa e você precise fazer o papel de alguém arrogante... que é que vão falar... preconceito... nordestino não é arrogante, nordestino é humilde, é batalhador, acima de tudo um forte ... aí a gente precisa colocar você pra fazer papel de engraçado... preconceito... a lá colocaram o nordestino para fazer papel de palhaço... (o'04" a 2'09")

PROPOSTA DE LEITURA E ANÁLISE DE ESQUETES

Depois que os esquetes forem vistos e os comentários (que contextualizam cada uma das cenas) lidos, o professor poderá aprofundar o estudo do material, propondo aos alunos que:

1. exponham o teor das narrativas;
2. descrevam as primeiras impressões dos esquetes, atentando para questões de análise estética, como qualidade da imagem, disposição e ritmo das cenas;
3. assinalem as diferentes linguagens (verbal oral/escrita, imagem estática/em movimento, cor, iluminação, som) usadas para compor cada um dos esquetes e em que medida elas se articulam, se para complementar ou reiterar informações;
4. levantem recursos que caracterizem as diferentes mídias – teatro (a), televisão (b) e Internet (c) – em que os esquetes são veiculados;
5. depreendam elementos característicos do gênero esquete, como: tema (o propósito comunicativo), estrutura composicional e estilo (palavras, expressões e tipos de frases/orações, se a língua usada é formal ou informal), participantes da situação comunicativa (quem produziu e se responsabiliza pelo esquete e a quem ele se dirige) e circulação (o ambiente em que o esquete é veiculado);
6. reflitam criticamente e ampliem o repertório cultural, a partir da/do:
 - levantamento e discussão das diversas formas de preconceito e suas implicações para a sociedade;
 - exploração de recursos de produção do humor, sejam eles de ordem linguística (seleção lexical, ambiguidade, prosódia) ou não (como performance, aspecto prosódico, exagero, alusão);
 - estudo sobre a linguagem e a representação teatral;
 - discussão no âmbito da multimodalidade para aprimorar o uso de ferramentas para gravação e edição de esquetes (como enquadramento, tratamento das imagens, cortes, inserção de legenda, entre outros).

O trabalho de leitura crítica e análise de esquetes certamente facilitará que se avance para o próximo passo: a produção do gênero, modo de envolver os alunos a outras formas de letramento crítico.

PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE ESQUETES

Levando-se em conta que o esquete, por seu caráter cômico, muitas vezes zomba de atitudes rígidas, tocando em temas caros à sociedade, como é o caso dos diversos tipos de preconceito abordados nos exemplos (a), (b) e (c), o professor pode sugerir aos alunos que explorem, na produção do gênero, algum tipo de preconceito. O esquete (d), produzido para a Internet, é um exemplo a mais para orientar a atividade.

(d)



Figura 4 - Preconceito, 60 segundos (20/11/2014)

Fonte: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=GIVsBL9MaQs>. Acesso em 10 dez. 2014.

Definido o tema do esquete – qualquer tipo de preconceito abordado nos exemplos (contra gay, pobre, negro, índio, travesti, nordestino, judeu, anão) ou outros que os alunos tenham levantado com base em suas experiências pessoais, sejam elas vivenciadas, observadas, ouvidas, lidas ou mesmo praticadas –, é preciso destacar os recursos que devem ser usados (sons e músicas que se hibridizam às imagens; enquadramento, escolha e ordem das cenas) e o(s) mecanismo(s)/técnica(s) de gerar comicidade a serem explorados. Tais elementos são capazes de conscientizar os alunos a atribuírem sentidos às palavras que serão escolhidas na composição do texto, aos gestos e às imagens a serem produzidos.

Como orientações para a produção do gênero, o professor pode sugerir que os esquetes sejam feitos em grupo, durem de 3 a 4 minutos e sejam produzidos para a Internet. Caso a escola não disponibilize de recursos de TIC, os esquetes podem ser encenados em sala de aula. A ideia da trama a ser desenvolvida pode ser inspirada em casos de preconceito

observados no cotidiano da vida do aluno ou pesquisados em jornais, revistas e Internet. Passos para a realização da atividade:

1. elaboração de um roteiro para desenvolver a situação dramática;
2. redação do texto;
3. seleção de recursos a serem utilizados (música, foto, som característico – que retrate ruído, conversa, risada);
4. escolha de mecanismos responsáveis para gerar comicidade (caracterização física, ambiguidade, exagero, repetição, alteração prosódica, seleção lexical, alusão, imitação, etc.);
5. seleção dos integrantes do grupo a atuarem como personagens, divisão dos papéis e ensaio do texto;
6. gravação da(s) cena(s) com câmera digital, celular ou MP5;
7. transferência da filmagem para o computador;
8. edição das cenas por meio do programa Movie Maker – dados a serem trabalhados com o auxílio do professor de informática, por meio de um tutorial que explique a utilização da ferramenta (isso para os alunos que não dominam essa ferramenta); e
9. divulgação dos esquetes.

Para finalizar a atividade, o professor pode propor ainda a organização de um festival de esquetes e a produção de um DVD. A circulação social dos esquetes deve ocorrer para que a produção não fique circunscrita à escola. Para isso, as encenações podem ser disponibilizadas na *Web* (YouTube).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Especialmente por meio de alguns caminhos para se abordar o gênero multimodal esquete na escola, este artigo buscou apresentar a possibilidade de trabalho na perspectiva dos multiletramentos, considerando o aluno sujeito de seu próprio dizer e fazer, protagonista de seu percurso de aprendizagem.

A relevância dessas atividades para o trabalho do professor com os alunos de Ensino Médio reside no fato de que a escola deve ocupar os espaços nos quais os alunos têm se locomovido com muita familiaridade

e motivação, principalmente os ambientes virtuais hospedados na rede de Internet.

Nesse sentido, o trabalho com esquetes – gênero de caráter cômico que circula em diferentes mídias e compreende várias linguagens em sua composição – pode não apenas motivar a aula, mas, sobretudo, propiciar aos alunos a possibilidade de desenvolverem habilidades de compreensão, reflexão crítica, produção e edição de textos de forma mais situada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Guinsburg, J., Faria, J. R. & Lima, M. A. (Orgs.) (2006). *Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos*. São Paulo: Perspectiva, Sesc São Paulo.
- Kleiman, A. (1995). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social do letramento*. São Paulo: Mercado de Letras.
- Pavis, P. (1999). *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva.
- Rojo, R. (2009). *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola.
- Rojo, R. (2012). Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In R. Rojo & E. Moura, *Multiletramentos na escola* (pp. 11-31). São Paulo: Parábola.
- Rojo, R. (Org.) (2013). *Escol@ conect@d@: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola.
- Rojo, R. & Barbosa, J. P. (2015). Gêneros do discurso, multiletramentos e hipermodernidade. In R. Rojo & J. P. Barbosa, *Hipermodalidade, multiletramentos e gêneros discursivos* (pp.115-145). São Paulo: Parábola.
- Secretaria de Educação Fundamental (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF.
- Secretaria de Educação Média e Tecnológica (2000). *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação.
- Secretaria de Educação Média e Tecnológica (2002). *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio – linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEMTEC.
- Soares, M. (1998). *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica.

Teixeira, U. (2005). *Dicionário de teatro*. São Luís: Instituto Geia.

Vasconcellos, L. P. (2009). *Dicionário de teatro* (6.^a ed.). Porto Alegre, RS: L&PM.

RECURSOS AUDIOVISUAIS

60 segundos (2014). *Preconceito*. Acedido em <https://www.youtube.com/watch?v=GIVsBLgMaQs>

Parafernália (2013). *Minorias*. Acedido em https://www.youtube.com/watch?v=h4_ZezORD6s

Senhora dos absurdos – Negro (2012). *220 Volts*. Acedido em <https://www.youtube.com/watch?v=bhjY9RTK1oI>

Terça Insana (2009). *Betina Botox 2*. Acedido em <https://www.youtube.com/watch?v=uciTDssL1qE>